

CAPÍTULO 1

A dor humana

PERGUNTA: — Em face da Humana Sabedoria e do Poder de Deus, a dor e o sofrimento não poderiam ser dispensados como processos morais de nossa evolução espiritual?

RAMATIS: — A dor e o sofrimento não são “determinações punitivas” impostas por Deus, mas sim, conseqüências resultantes da resistência do ser contra as leis disciplinadoras da sua evolução. Se o homem fosse abandonado a si mesmo, no tocante ao seu aperfeiçoamento espiritual, seria demasiadamente longo o caminho para a sua perfeição e libertação dos ciclos reencarnatórios.

A dor e o sofrimento são técnicas pedagógicas para o aprimoramento do ser, em seu processo evolutivo, e também conseqüentes a seus equívocos nas múltiplas vidas. A dor dinamiza as energias sutis do sofredor, herdadas pelo sopro divino, despertando nele, depois da revolta inicial, a reflexão sobre os porquês de sua desdita e fazendo-o procurar na razão e na fé novos rumos que psicologicamente o aliviam do sofrimento. Em síntese o padecimento é uma reação, previamente consentida, para trazer o eterno postulante para a senda da evolução espiritual, através de novos conceitos religiosos, filosóficos e morais os quais lhe dão outro sentido vivencial.

PERGUNTA: — Não haveria outro processo educacio-

Ramatis

nal, sem as reações dolorosas?

RAMATIS: — Durante o processo de aperfeiçoamento e expansão de sua consciência, o espírito tem de sofrer as injunções naturais do mundo onde ele atua. E essa luta através da organização carnal, provoca reações pacíficas ou rebeldes, calmas ou dolorosas, que servem de aprendizado no campo da vida eterna do espírito.

O homem no estágio rudimentar de sua evolução pode ser comparado ao diamante bruto, espiritualmente, porém para ele eliminar as impurezas, perder as arestas dos defeitos anímicos, e atingir a beleza radiosa do brilhante, precisa do atrito do esmeril da dor e da ação desse lapidário incomparável o Tempo.

Nos mundos mais evoluídos usa a camurça macia do amor traduzido em serviço ao próximo.

PERGUNTA: — Observando as pessoas em suas conversas notamos haver um prazer nelas ao relatar seus males, cirurgias e infortúnios, mostrando o condicionamento geral ao sofrimento, e até certa aceitação, o que faria a dor perder seu efeito salutar.

RAMATIS: — Possivelmente a origem desse mórbido deleite esteja no aspecto doutrinário das seitas religiosas que sempre consideraram a dor como castigo ou expiação de pecados, pois desconhecem a função purificadora dos desvios originários da índole animal. Sua função é despertar a luz angélica existente na intimidade da criatura. A lenda do “castigo divino” ou do “pecado original”, por culpa de Adão e Eva, o primeiro casal enxotado do Paraíso e responsável pelo sofrimento humano, significa o exílio do espírito mergulhado na matéria, em busca do retorno à consciência divina.

Malgrado os católicos, protestantes, adventistas, salvacionistas e outras seitas religiosas considerarem a Terra um “vale de lágrimas” ou uma penitenciária do Espaço, ela é uma ótima escola de educação primária, destinada a aper-

Sob a Luz do Espiritismo

feioar o espírito no caminho da Evolução. Embora a humanidade faça do sofrimento um melodrama vulgar, na verdade trata-se de abençoado recurso do Alto para conduzir o espírito à senda de sua própria felicidade.

PERGUNTA: — No entanto, a dor quase sempre abate o psiquismo, exaure o corpo, destruindo sonhos, prazeres e os momentos felizes. E mesmo assim, conforme afirmais, ela seria a mola de nossa redenção. Porventura deveríamos amá-la e desejá-la?

RAMATIS: — Não nos cabe amá-la e nem a desejar; porquanto ela é fruto da nossa invigilância, e pode-se dizer que em nosso primarismo não a podemos evitar, mas tão somente suportá-la com resignação. Embora a dor e o sofrimento pareçam, num exame apressado, desmentir a sabedoria divina, eles têm sido glorificados pelas mais nobres vivências messiânicas e realizações espirituais no mundo. Muitas vezes as belezas que nos inebriam os sentidos na terra são frutos da dor e do sofrimento de artistas como Beethoven, surdo; Chopin, tuberculoso; Schumann, perturbado mentalmente; e ainda, citaríamos Sócrates, Paulo de Tarso, Ghandi sacrificados pelo amor, pela liberdade e pela paz humana. Giordano Bruno, Savonarola, Miguel Servet queimados pela verdade e liberdade de opinião. Francisco de Assis glorificou a pobreza, e Jesus transformou a cruz infamante num dos símbolos da libertação espiritual.

Os brutos, coléricos, tiranos, invejosos, pérfidos, debochados, corruptos e corruptores, criminosos, toda a escória social, têm na dor a lixívia corrosiva dos resíduos animais, alvejando a vestimenta perispiritual até torná-la transparente à luz divina interna, transformando-a nos trajes nupciais que lhes permitem tomar parte no banquete de paz e alegria, entre os espíritos superiores ou puros.

PERGUNTA: — O que é a dor, enfim? Como poderíamos ter uma idéia mais precisa da ação oculta da dor?